

# Oran-ismos invisíveis —

*João Camilo Sevilla*

## BIOGRAFIA DO AUTOR

Licenciado em Letras Português-Francês, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Educação, pela Universidade Federal Fluminense. Professor de ensino básico nas redes privada e pública.

## RESUMO DO TEXTO

No mundo de hoje, a forma como se encaram as diferentes inovações, notícias, cenários, sentimentos e afetos é um exercício de descoberta que nos leva a uma ou a várias reflexões incessantes e infindáveis. Essa incompletude é a força motriz da confecção da crônica a seguir, pois é no desenrolar dos acontecimentos que se criam e se ressignificam os étimos que dão origem a contos, resenhas, artigos, crônicas etc. É na esteira desse raciocínio que se pretende vagar e divagar sobre a leitura que se tem sobre o mundo em que vivemos hodiernamente.

Como a gente vê o mundo? Com os olhos empedernidos, surrupiados pelo ódio de quem deixou de ver, de prever, de rever, de rêver, como diriam os franceses. Olhos que miram o messias que atira, tirando aposentadorias, perspectivas e vidas.

Como a gente vê o mundo? Com as bombas potentes, pulsantes e estrondosas que impactam o nosso dia a dia... Suaves, Leves e Silenciosas diante da pugna dos que têm o sangue da luta pelos desvalidos, que têm o valor que não se valoriza.

Como a gente vê o mundo? Com o fígado abastecido, abarrotado e abalado devido às fake news, que de news nada têm. É a fake que é faca que corta, dilacera e irrompe nas frágeis democracias latino-americanas.

Como a gente vê o mundo? Com a cabeça, mas não com o que ela contém: o cérebro. Com a cabeça que golpeia, cabeceando para longe a esperança que não parece nos esperar. Atingida. Como a fé das crianças alvejadas na Síria, Líbia e tantas outras partes, que viram notícia e entram para a famigerada estatística.

Como a gente vê o mundo? Com a boca desbocada que abocanha nossas potencialidades. A pujaça de nossas habilidades se esvai, se esvazia perante o descaso de bocas que policiam até nossas vontades básicas, dizendo quando, onde e com que frequência eu cago!

Como a gente vê o mundo? Com os ouvidos que se calam frente às atrocidades, barbaridades que se tornam poemas, músicas e obras de arte putrefatas. É a homofobia que se institucionaliza, é o racismo que nos coloca no abismo, é o machismo que nos violenta rumo ao obscurantismo.

Como a gente vê o mundo? Com os dedos que disparam, os gatilhos ceifadores de vidas, como a da jovem e cândida Ágatha Félix, que, como a origem grega de seu nome, agathos, era virtuosa e respeitável. Afinal, mais um anjo notável e descartável. Dedos que dedilham os acordes da raiva, da cólera e da falta de empatia em relação ao diferente, ao outro. São dedos que não sentem, tampouco tocam as notas do amor, do carinho e da ternura.

Como a gente vê o mundo? Com os braços esticados que preferem a opressão à compaixão. Os braços que estrangulam mulheres, filhos e filhas pequenos, imigrantes, indígenas, homossexuais, negros e negras. Braços trabalhados, braços cruzados, braços cansados, braços se movimentando ao acaso à procura do abraço, que cura, revitaliza e que, infelizmente, não acham.

Como a gente vê o mundo? Com os punhos de quem agride Mariana, a moça, a natureza e o meio ambiente. Vítimas do feminicídio que abusa das nossas riquezas humanas e ecológicas. Punhos de quem luta contra o inimigo da fauna, da flora e dos deuses. Deuses como a forte, cultuada e impávida Vênus.

Como a gente vê o mundo? Com os pés descalços, inchados, esfarelados por andar no sentido errado. Qual é a direção a tomar? Pensando a canção: se a vida é andar por esse país, será que um dia descansaremos felizes? Traçando um amanhã que nos leve à vitória no final da maratona, só vejo as cortinas se fechando, gente perseguida agonizando, a galera se lamentando, o povo brigando e o Facebook vociferando. Será que nessa corrida a gente sai ganhando?

Como a gente vê o mundo? Com as mãos que sufocam nossa res – pi – r(ação)! Ração! Aquela que é servida em escolas públicas; as que só servem para os bem servidos no jornal ou em época eleitoral. Ação emblemada através de mãos e corpos nordestinos apanhando. Apanhando (d)o que restou do céu, do mar, da natureza, da catástrofe, da tragédia e do massacre provocado pelas manchas de óleo na pele provenientes do petróleo – que é aquele que vale. Vale? Leva. Não, não leva a dignidade do nordestino, que, assim como o sertanejo, é, antes de tudo, um forte. Mesmo apanhando.

Como a gente vê o mundo? Com as vozes silenciadas. Silenciadas ante a censura, a tortura, a repressão. Espancadas e ensanguentadas são as vozes daqueles que protestam a favor da liberdade, da

solidariedade, da justiça, da igualdade e da equidade. Marielle Franco, Moa do Katendê, Santiago Maldonado, Victor Jara, Camilo Catrillanca e tantas outras lideranças que a saudade não estanca.

Como a gente vê o mundo? Se a gente vê o mundo? Mundo mudo, imundo, carrancudo, sisudo e, sobretudo, miúdo. Se a gente vê o mundo? Se a gente tivesse visto o mundo? Se a gente visse o mundo? Vi. Se... Não me convenci. Apesar. Com pesar. A pesar. Pesado, mas não me dei por vencido. Venci.